

Gonçalves Dias, etnógrafo

Maior poeta do
Romantismo
brasileiro pesquisou,
escreveu e coletou
material sobre índios

NELSON MARCOLIN

A procura pelas origens brasileiras foi uma das motivações do Indianismo, movimento literário que teve o poeta maranhense Antonio Gonçalves Dias e o romancista cearense José de Alencar como seus principais criadores em meados do século XIX. Gonçalves Dias, porém, levou essa busca para além da literatura. O poeta escreveu um ensaio, coletou material e produziu notas e diários que se perderam no mesmo naufrágio em que ele morreu, no litoral do Maranhão. O autor de um dos mais conhecidos poemas da língua portuguesa, a *Canção do exílio*, foi também etnógrafo e participou da Comissão Científica do Império, a primeira a contar apenas com especialistas brasileiros.

Gonçalves Dias (1823-1864) nasceu em Caxias, no Maranhão. Em 1838 foi para Portugal terminar os estudos secundários e, em seguida, cursar direito na Universidade de Coimbra. Na Europa conheceu e recebeu influência dos escritores e poetas românticos. Em 1845 voltou ao Brasil e fixou-se no Rio de Janeiro onde ensinou história e latim no Colégio Pedro II. Junto com Manuel de Araújo Porto-Alegre e Joaquim Manuel de Macedo criou a revista *Guanabara* em 1849, para divulgar o Romantismo.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), em 1850 o escritor estava interessado em conhecer a história do Brasil pelo ponto de vista dos seus primeiros habitantes.



Adornos com
bicos de tucano
e espelhos
coletados
pelo poeta

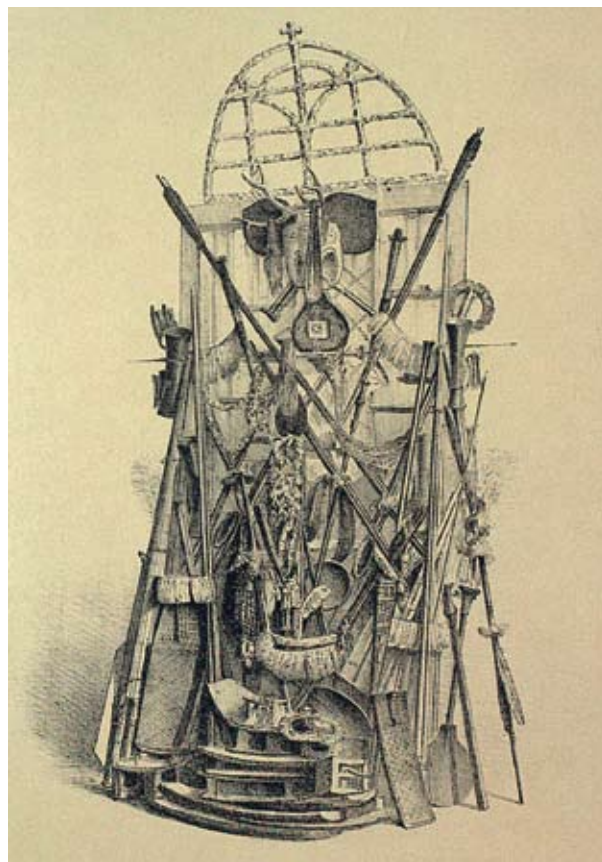


“Ele chegou a ir a Portugal, em missão do IHGB, em busca de documentos que ajudassem a compor uma história brasileira”, diz a historiadora da ciência Kaori Kodama, da Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz. Foi naquele ano que dom Pedro II encomendou a ele um estudo comparando os indígenas nacionais com os da Oceania. O poeta dedicou-se à tarefa e produziu *Brasil e Oceania*, usando como base relatos de viajantes. “Ele admirava naturalistas como Von Martius, mas se preocupava em desmentir ‘calúnias’ e ‘exageros’ publicados sobre o Brasil no exterior”, conta Kaori. O escritor também tinha uma visão diferente da corrente na época e considerava que

a civilização era que havia desvirtuado o “índio puro”.

De 1859 a 1860 Gonçalves Dias integrou a Comissão Científica do Império. A meta era levar especialistas brasileiros (geógrafos, zoólogos, botânicos, geólogos e astrônomos) a conhecer a natureza brasileira de modo objetivo. A expedição foi analisada no livro *Comissão Científica do Império*, organizado pela historiadora da ciência Lorelai Kury (Andrea Jakobsson Estúdio Editorial, 2009). O Ceará foi o estado escolhido para a missão por ter sido pouco explorado. Ao constatar que não havia “tipos puros” entre os indígenas daquela região, o escritor rumou para o Amazonas, onde anotou observações sobre as línguas faladas e enviou objetos etnográficos para o Rio, incorporados depois à coleção do Museu Nacional. A maior parte do seu trabalho na comissão ficou desconhecida.

O escritor (acima) e estatueta trazida por ele da fronteira com a Venezuela



Peças da Amazônia reunidas por Gonçalves Dias para exposição de 1861

Supõe-se que o material estava no navio que naufragou quando ele voltava da Europa, em 1864. Em 2002, a Academia Brasileira de Letras publicou *Gonçalves Dias no Amazonas: relatórios e diário da viagem ao rio Negro*, com introdução do escritor maranhense e acadêmico Josué Montello, com informações sobre aquele período.

“A etnografia feita por Gonçalves Dias era muito diferente da que é praticada hoje”, afirma o antropólogo João Pacheco de Oliveira, professor do Museu

Nacional. No século XX esse ramo da antropologia se tornou um trabalho de pesquisa de campo sistemático e de contato direto com as culturas que se quer estudar. Já o trabalho científico do poeta era realizado por meio de leituras e comparações entre os relatos de viajantes e naturalistas implicando hipóteses sobre o desenvolvimento e difusão das culturas. “Ele estava sintonizado com seu tempo tanto ao fazer literatura quanto ciência, sendo o impacto de sua obra equivalente à de Castro Alves com o tráfico negroiro.”